

A relação de transtornos psiquiátricos e o uso excessivo de tecnologias entre crianças e adolescentes no CAPS-I de Cascavel

The relationship between psychiatric disorders and the excessive use of technologies among children and adolescents at CAPS-I in Cascavel

La relación entre trastornos psiquiátricos y uso excesivo de tecnologías en niños y adolescentes del CAPS-I de Cascavel

Recebido: 19/11/2022 | Revisado: 30/11/2022 | Aceitado: 02/12/2022 | Publicado: 11/12/2022

Alexandre Cerqueira Caldas Corrêa

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5291-9893>

Centro Universitário FAG, Brasil

E-mail: alexandre3correa@gmail.com

Rubens Griep

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6649-5726>

Centro Universitário FAG, Brasil

E-mail: rgriep@gmail.com

Resumo

Objetivo: Compreender a prevalência do uso excessivo das tecnologias de entretenimento no cotidiano de crianças e adolescentes providos de vulnerabilidade psiquiátrica, para que possamos lidar melhor com essas inovações dentro da área da saúde. **Método:** Este trabalho é um estudo de coorte, de caráter descritivo, quantitativo e prospectivo, com coleta de dados via questionário disponibilizado para pacientes no CAPS-I de Cascavel. **Resultado:** Não foi encontrado uma correlação entre do uso exacerbado de tecnologias e transtornos psiquiátricos mais prevalentes, nem uma associação com o sono, sexo, idade, tempo de tratamento no CAPS-I e dispositivos eletrônicos mais utilizados pelos pacientes, entretanto, foi constatada uma relação estatisticamente relevante entre o uso dessas ferramentas e a quantidade de interações sociais semanais em grupo. **Conclusão:** O uso de tecnologias se demonstrou um fator favorável às interações sociais presenciais, entretanto não foi comprovada uma relação com os outros fatores pesquisados.

Palavras-chave: Transtorno de adição à internet; Transtornos psiquiátricos; Saúde da criança; Saúde do adolescente.

Abstract

Objective: To understand the prevalence of excessive use of entertainment technologies in the daily lives of children and adolescents with psychiatric vulnerability, so that we can better deal with these innovations within the health area. **Method:** This work is a descriptive, quantitative and prospective cohort study, with data collection via a questionnaire made available to patients at CAPS-I in Cascavel. **Result:** There was no correlation between the exacerbated use of technologies and the most prevalent psychiatric disorders, nor an association with sleep, sex, age, treatment time in CAPS-I and electronic devices most used by patients, however, a statistically relevant relationship between the use of these tools and the amount of weekly social interactions in groups. **Conclusion:** The use of technologies proved to be a favorable factor for face-to-face social interactions, however its relation with the other factors surveyed was not proven.

Keywords: Internet addiction disorder; Psychiatric disorders; Child health; Adolescent health.

Resumen

Objetivo: Comprender la prevalencia del uso excesivo de tecnologías de entretenimiento en el cotidiano de niños y adolescentes con vulnerabilidad psiquiátrica, para que podamos enfrentar mejor estas innovaciones en el área de la salud. **Método:** Este trabajo es un estudio de cohortes, de carácter descriptivo, cuantitativo y prospectivo, con recolección de datos a través de un cuestionario puesto a disposición de los pacientes del CAPS-I de Cascavel. **Resultado:** No se encontró correlación entre el uso exacerbado de tecnologías y los trastornos psiquiátricos más prevalentes, ni asociación con el sueño, género, edad, tiempo de tratamiento en CAPS-I y dispositivos electrónicos más utilizados por los pacientes, sin embargo, sí se encontró correlación. relación estadísticamente relevante entre el uso de estas herramientas y la cantidad de interacciones sociales semanales en un grupo. **Conclusión:** El uso de tecnologías demostró ser un factor favorable para las interacciones sociales cara a cara, sin embargo, no se comprobó una relación con los demás factores investigados.

Palabras clave: Desorden de adicción al internet; Desórdenes psiquiátricos; Salud de los niños; Salud del adolescente.

1. Introdução

O final do século XX e o início do século XXI trouxeram com eles uma gama de inovações tecnológicas que foram aderidas em diversos espectros do cotidiano humano, tanto na vida profissional quanto nos momentos de lazer e nos relacionamentos interpessoais (Bauman, 2004; Bauman, 2001), de uma forma tão intensa que, fusionando o mundo físico e o digital, tornou esse período algo singular dentre todas as revoluções tecnológicas já experienciadas pela humanidade (Schwab, 2018). É notável que muitas dessas inovações voltadas ao entretenimento ofereceram ótimas experiências aos seus usuários, ajudando a melhorar a qualidade de vida humana como por exemplo por meio de uma maior flexibilidade para o cotidiano por meio de smartphones (Oliveira, Costa, Baptista, & Rocha, 2015), com novas formas de interagir socialmente e de adquirir conhecimento e experiências culturais, entretanto, quando empregadas com excesso podem ser prejudiciais (Young & Abreu, 2018), incidindo numa adicção por internet (Moromizato, et al., 2017; Sociedade Brasileira de Pediatria, 2019) que pode causar problemas físicos (devido à problemas posturais ou escassez de atividades físicas), sociais, acadêmicos, profissionais e na saúde mental do indivíduo (Young & Abreu, 2018; Schmitt, 2020).

Crianças e adolescentes são mais suscetíveis a esse uso abusivo das mídias digitais (Méa, Biffe, & Ferreira, 2016) por não possuírem funções cerebrais executivas completamente desenvolvidas como controle de impulsos e pensamentos futuros, e em virtude de serem mais familiarizados e terem mais aptidão com tais tecnologias do que os adultos responsáveis (Young & Abreu, 2018). Desse modo, torna-se evidente a situação de risco dessa população dentro do contexto dos prejuízos motivados pelo abuso de tecnologias.

O uso de mídias com tela normalmente tem início já na primeira infância através da apresentação dos dispositivos pelos responsáveis, muitas vezes para entreter a criança e aliviar uma responsabilidade do adulto. Ao decorrer do crescimento do indivíduo ele usualmente acaba recebendo seu próprio aparelho para poder se comunicar com mais facilidade e então o hábito se torna progressivamente mais frequente, estando intimamente relacionado com o lazer, com as atividades escolares, interações sociais e, já na adolescência, com relacionamentos amorosos (Young & Abreu, 2018). Um estudo estadunidense de 2016 realizado na Universidade Northwestern, do estado de Illinois, evidenciou que cerca de 63% dos adolescentes e pré-adolescentes do país possuíam seus próprios telefones celulares, 51% têm seus tablets, 45% videogames, 43% televisões, 30% laptops e 11% computadores de mesa, além de que 79% dos adolescentes tinham posse de seus próprios smartphones (Lauricella, et al., 2016).

É notório ainda que, além da idade, a condição psiquiátrica do indivíduo também pode estar intimamente relacionada à vulnerabilidade a um vínculo de dependência com as novas tecnologias, como demonstrou um estudo sul-coreano (Yang, Choe, Baity, Lee, & Cho, 2005) que comparou um grupo de estudantes caracterizados pelo uso excessivo de internet com um outro grupo que se utilizava pouco dessa ferramenta, e revelou que o primeiro grupo tinha índices de sintomas psiquiátricos significativamente maiores que o segundo. Essa correlação se tornou ainda mais sugestiva quando estudos de neuroimagem evidenciaram semelhanças neurobiológicas entre a adicção a tecnologias e a dependência de substâncias químicas (Berner & Santander, 2012), já que esta última tem forte ligação epidemiológica com patologias dentro da psiquiatria (American Psychiatric Association, 2014; Silva, Oliveira, & Graça, 2018; Stahl, 2019). Assim, o assunto deste trabalho é a relação entre o abuso de tecnologias e os transtornos psiquiátricos de crianças e adolescentes no CAPS-I da cidade de Cascavel, no Paraná, e terá a importância de apresentar dados epidemiológicos sobre a correlação do abuso dessas novas tecnologias de entretenimento e de transtornos psiquiátricos entre crianças e adolescentes pacientes do Centro de Atendimento Psico-Social Infantil (CAPS-I), com vulnerabilidade no âmbito da saúde mental, sabendo que ainda não entendemos completamente a real consequência do vício desses dispositivos na mente humana.

Dessa forma, a fim de compreender a prevalência do uso excessivo das tecnologias de entretenimento no cotidiano de crianças e adolescentes providos de vulnerabilidade psiquiátrica, para que possamos lidar melhor com essas inovações dentro da área da saúde, esta pesquisa tem alguns objetivos específicos: elencar os transtornos psiquiátricos relacionados a um maior tempo

de uso diário de tecnologias em crianças e adolescentes frequentadoras do CAPS-I de Cascavel; entender se há associação epidemiológica entre o uso de mídias digitais antes de dormir e a qualidade do sono dos pacientes do CAPS-I de Cascavel; compreender se há relação entre o maior uso diário de dispositivos eletrônicos e a quantidade de interação social semanal dos pacientes do CAPS-I de Cascavel; verificar a relevância epidemiológica de outros fatores como sexo, idade, tempo do tratamento psiquiátrico e a forma de consumo de dispositivos eletrônicos quanto ao tempo de uso diário dessas tecnologias; elencar quais redes sociais e dispositivos eletrônicos estão mais presentes no cotidiano dos pacientes.

2. Materiais e Métodos

Quanto à metodologia, esta pesquisa é definida como um estudo de coorte (Koche, J. C., 2011), de caráter descritivo, quantitativo e prospectivo, e buscou informações relacionados aos transtornos psiquiátricos da população, o uso de tecnologias, sono e interação social, afim de atingir os objetivos propostos. Essa pesquisa foi realizada durante o segundo semestre de 2021, e incluiu a população de pacientes rotineiros do CAPS-I de Cascavel, que estava em número reduzido devido à pandemia da COVID-19, entre 9 e 18 anos que, juntamente aos responsáveis, aceitaram os termos de assentimento e consentimento livre e esclarecido, somando um total de 20 indivíduos.

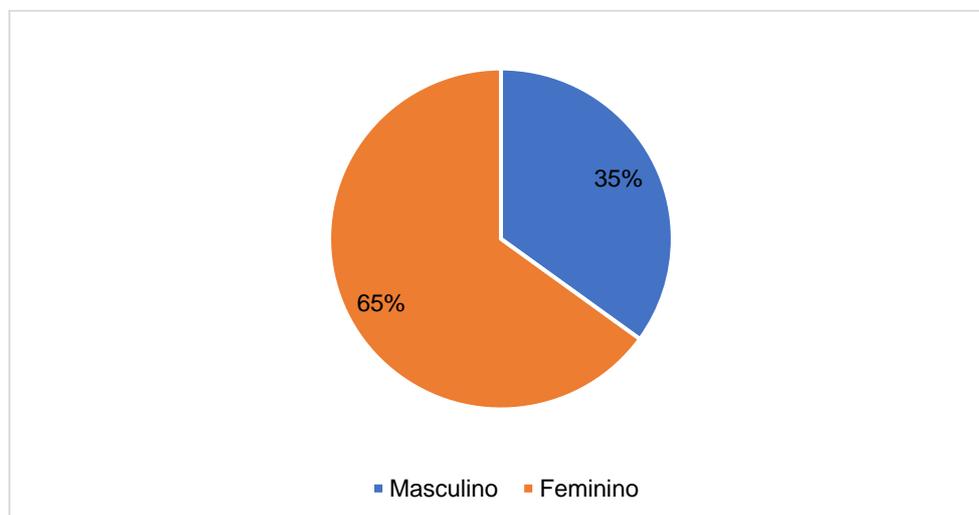
A coleta de dados ocorreu via questionário físico distribuído aos pacientes após as consultas psiquiátricas no CAPS-I, sendo que as variáveis utilizadas para o levantamento de dados foram: sexo; idade; tempo de acompanhamento no CAPS-I; diagnóstico psiquiátrico; uso recreativo diário de tecnologias; dispositivos com tela em uso; tempo médio diário de uso de tecnologias; redes sociais em uso; uso de tecnologias antes de dormir; horário de início de sono; horário de acordar; frequência semanal de participações em atividades em grupo. Além disso, é importante salientar que este projeto foi aprovado pela CEP sob o CAAE 51335621.8.0000.5219.

Visando a compreensão das informações recolhidas, os dados foram tabulados e organizados em planilhas no software Microsoft Excel®, submetidos aos testes de Mann-Whitney e de Fisher, além de associados às literaturas correspondentes.

3. Resultados e Discussões

Esta pesquisa analisou crianças e adolescentes com idades entre 9 e 18 anos que realizaram consulta psiquiátrica no CAPS-I de Cascavel entre os meses de outubro e novembro de 2021.

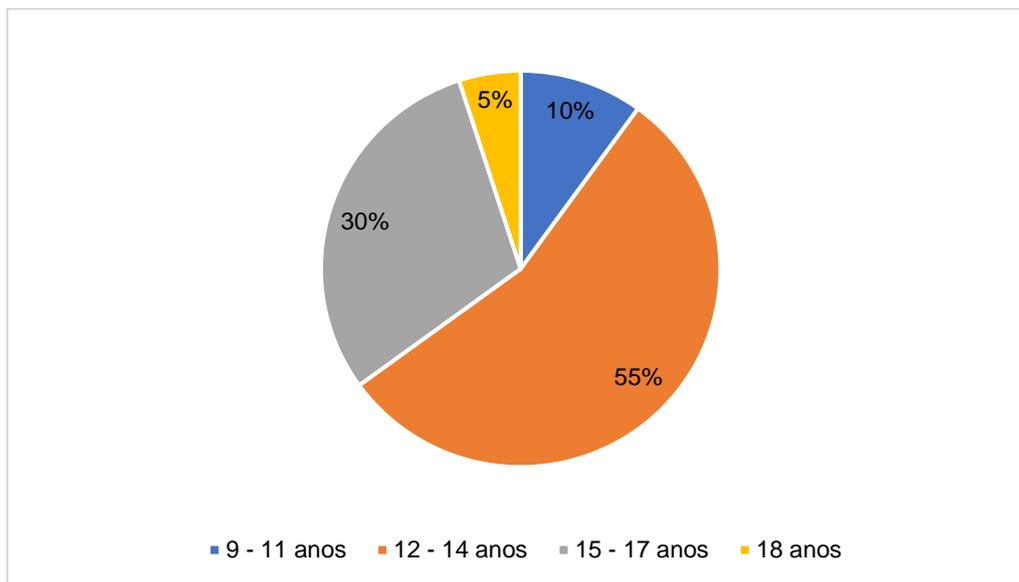
Figura 1 - Proporção de participantes por gênero.



Fonte: Autores (2022).

A pesquisa foi composta por um total de 20 indivíduos os quais 65% pertenciam ao sexo feminino e 35% ao masculino, como pode ser observado na Figura 1.

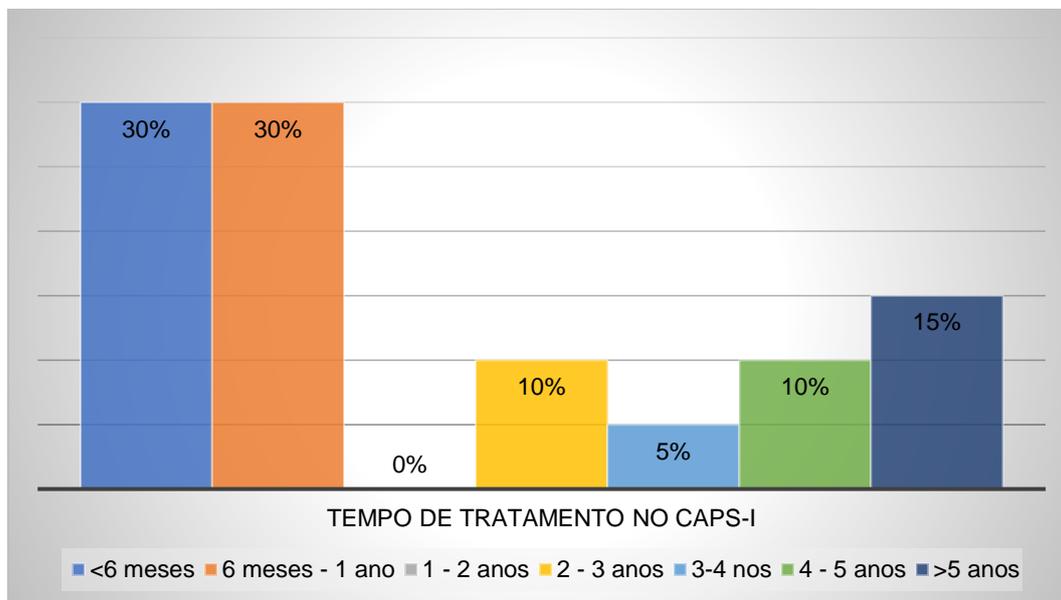
Figura 2 - Proporção de participantes por faixa etária.



Fonte: Autores (2022).

Sobre a faixa etária, 10% dos pacientes tinham idade entre 9 e 11 anos, 55% entre 12 e 14 anos, 30% entre 15 e 17 anos e 5% já havia completado 18 anos, como foi evidenciado na Figura 2.

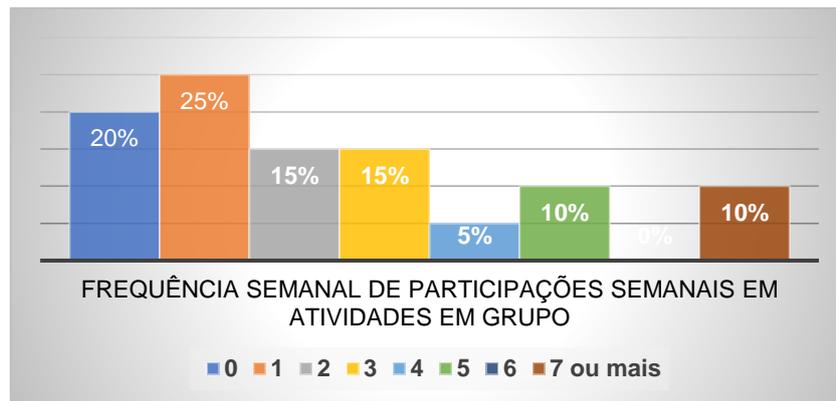
Figura 3 - Proporção de participantes por tempo de tratamento no CAPS-I.



Fonte: Autores (2022).

Na Figura 3 foram analisados dados em relação ao tempo de tratamento no CAPS-I, onde foi analisado que a maior parte dos indivíduos aderiu à terapia há pouco tempo, sendo que 30% relataram ser paciente do local há menos de 6 meses, 30% de 6 meses a 1 ano, 0% de 1 a 2 anos, 10% de 2 a 3 anos, 5% de 3 a 4 anos, 10% de 4 a 5 anos e 15% afirmou frequentar a instituição há mais de 5 anos.

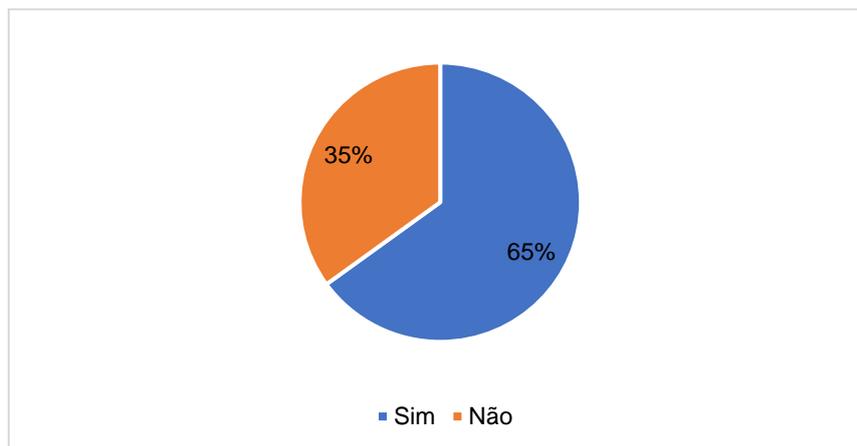
Figura 4 - Proporção de participantes por frequência de participações semanais em atividades em grupo.



Fonte: Autores (2022).

Já quando questionados em relação à frequência semanal de participações em atividades sociais em grupo presenciais, 20% afirmaram não participar, 25% afirmaram realizar semanalmente, 15% disseram realizar 2 vezes por semana, 15% 3 vezes por semana, 5% 4 vezes e 10% 7 vezes por semana ou mais, como descrito na Figura 4.

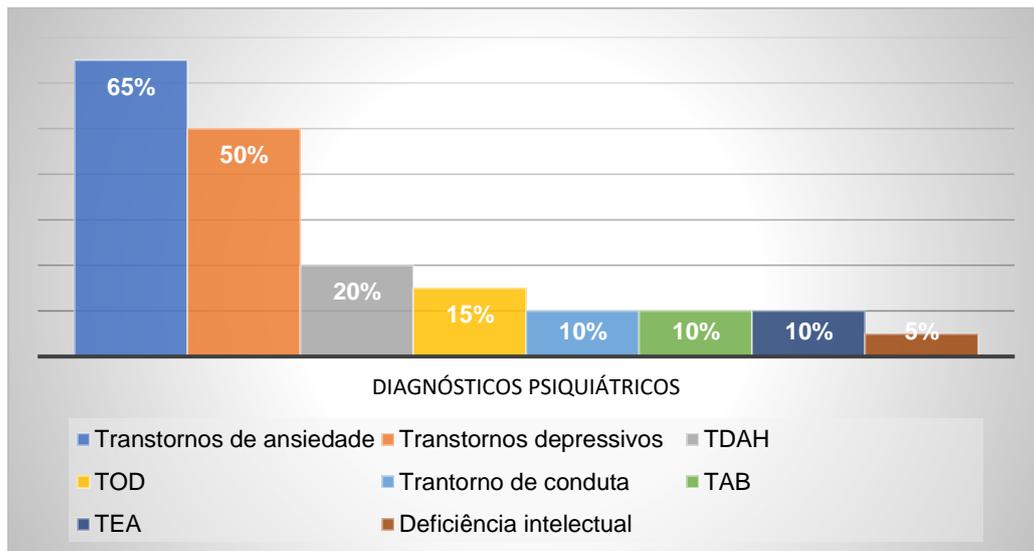
Figura 5 - Proporção dos participantes da pesquisa que realizam interação virtual interpessoal.



Fonte: Autores (2022).

Ainda sobre interações sociais, a Figura 5 mostra que 65% dos pacientes informaram que interagiam virtualmente com outros indivíduos em redes sociais, e 35% faziam uso introspectivos das ferramentas ou não utilizavam redes sociais.

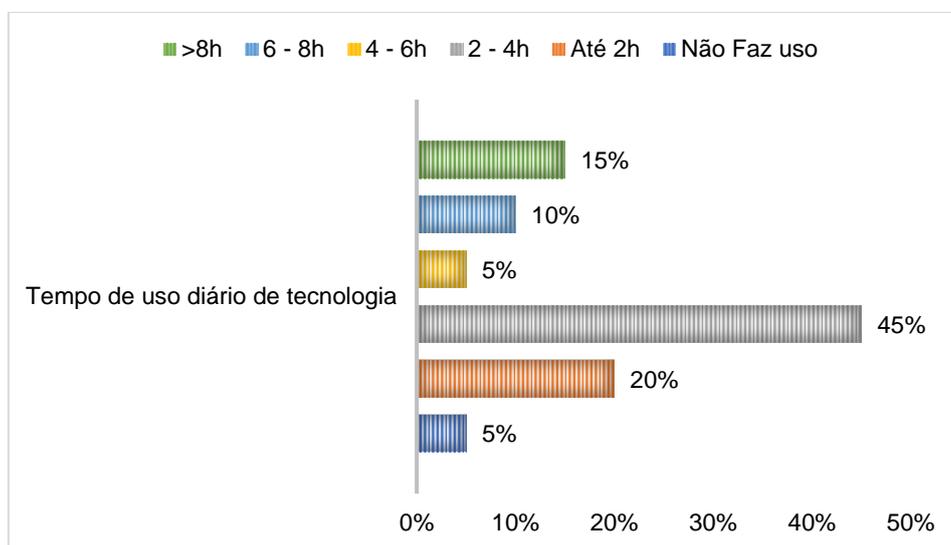
Figura 6 - Diagnóstico psiquiátrico dos participantes da pesquisa.



Fonte: Autores (2022).

A Figura 6 evidencia que os diagnósticos psiquiátricos mais prevalentes na pesquisa foram transtornos de ansiedade e depressivos, estando presentes em 65% e 50% das respostas. Eles foram seguidos por transtorno de déficit de atenção, vigente em 20%, transtorno oppositor desafiador, em 15%, transtorno de conduta, transtorno afetivo bipolar e transtorno do espectro autista, todos em 10%, e 5% relataram possuir deficiência intelectual.

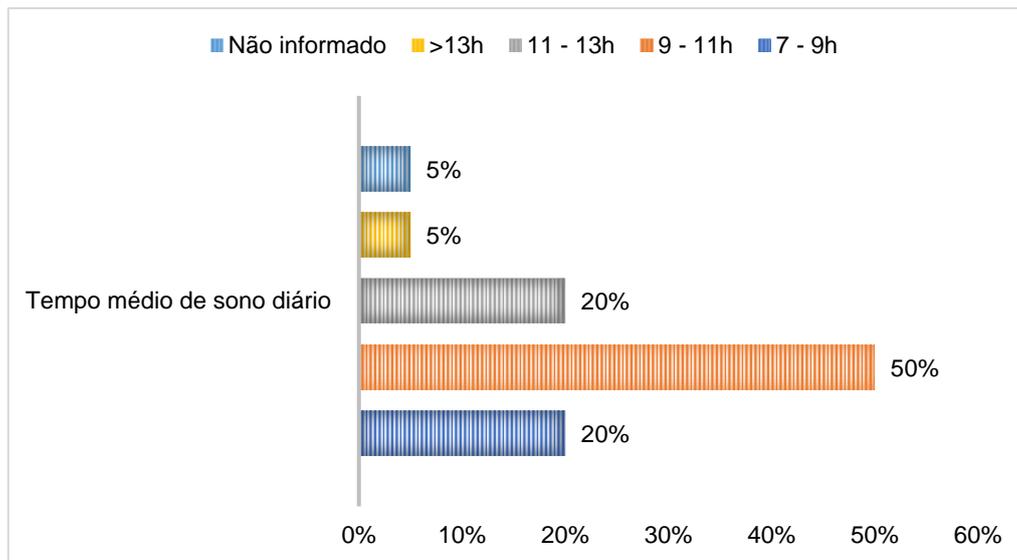
Figura 7 - Proporção de participantes por tempo de uso diário de tecnologias.



Fonte: Autores (2022).

Sobre tempo de uso diário de tecnologia, 5% afirmaram não fazer uso, 20% disseram utilizar desses serviços diariamente por até 2 horas, 45% de 2 a 4 horas, 5% de 4 a 6 horas, 10% de 6 a 8 horas e 15% por mais de 8 horas, como exposto na Figura 7.

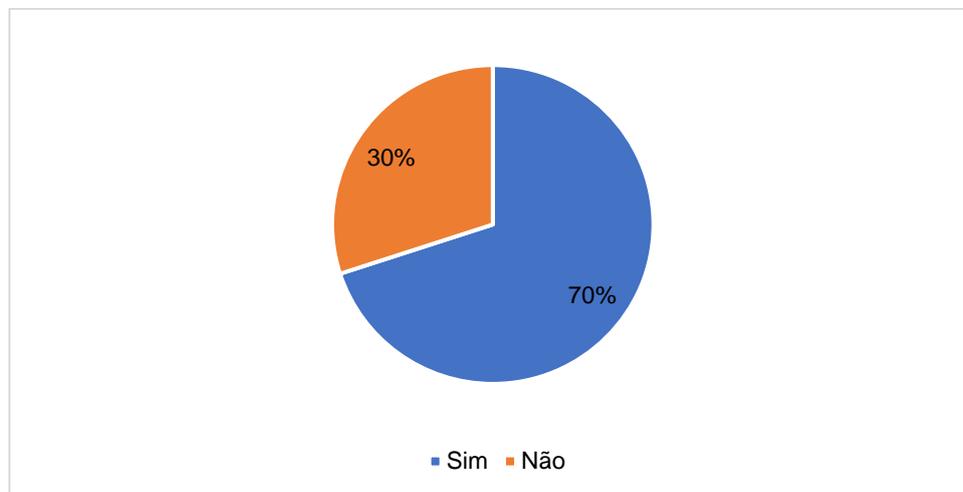
Figura 8 - Proporção de participantes por tempo médio de sono diário.



Fonte: Autores (2022).

De acordo com as respostas dos indivíduos em relação ao horário de dormir e de acordar, 20% têm um tempo médio de sono de 7 a 9 horas, 50% entre 9 e 11 horas, 20% entre 11 e 13 horas, 5% mais que 13 horas e um paciente não informou dados suficientes sobre esta temática conforme a Figura 8.

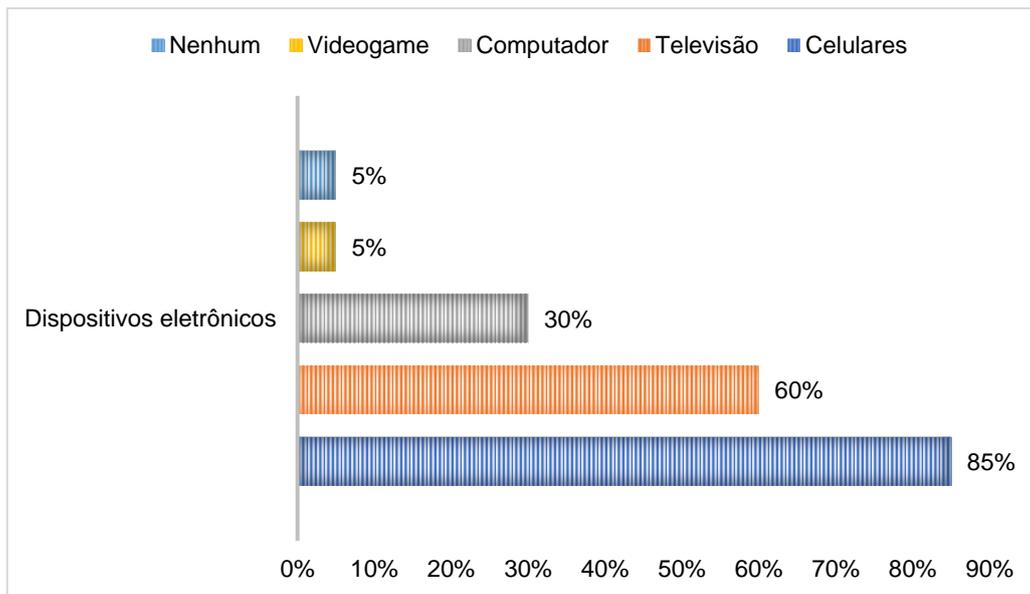
Figura 9 - Proporção de participantes por uso de redes sociais antes de dormir.



Fonte: Autores (2022).

Ainda sobre este assunto, a figura 9 expõe que 70% dos pacientes relataram fazer uso de redes sociais antes de dormir e 30% negam o uso.

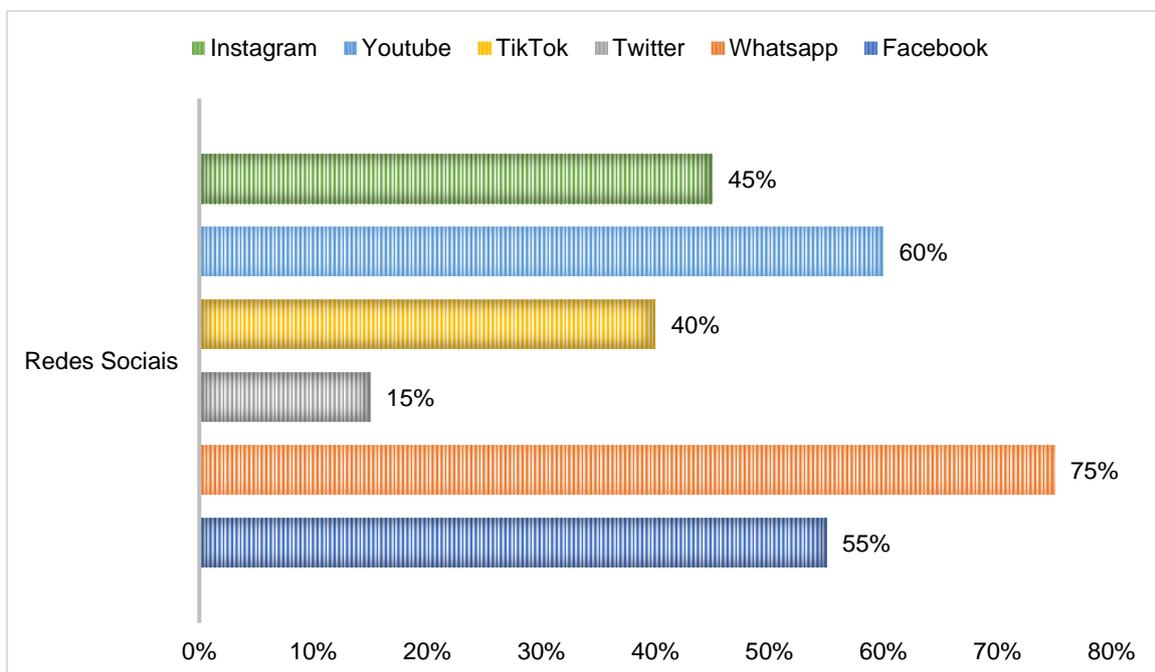
Figura 10 - Proporção de participantes por uso de dispositivo eletrônico.



Fonte: Autores (2022).

Quanto à forma de consumo das tecnologias, 85% dos pacientes informaram que fazem uso de celulares, 60% de televisão, 30% de computador, 5% de videogame e 5% de nenhum desses, como evidenciado na Figura 10.

Figura 11 - Proporção de participantes por uso de redes sociais.



Fonte: Autores (2022).

Já se tratando de redes sociais, a Figura 11 mostra que 75% alegaram utilizar a ferramenta WhatsApp, 60% Youtube, 55% Facebook, 45% Instagram, 40% TikTok, 15% Twitter e 15% também não faz uso de redes sociais.

Tabela 1 - Descrição da frequência de participação em atividades em grupo por tempo de uso de tecnologias em adolescentes atendidos no CAPS-I de um município no oeste Paranaense.

Característica	Adolescentes que fazem uso de tecnologias por >4 horas	Adolescentes que fazem uso de tecnologias por ≤4 horas	Valor de p1
Mediana da frequência de participação em atividades em grupo (Intervalo Interquartil)	4 (2)	1 (1,75)	0,01
1 Teste de Mann-Whitney			

Fonte: Autores (2022).

A presente pesquisa comparou os indivíduos que fazem uso de tecnologia diariamente por um período maior que 4 horas e os indivíduos que fazem uso dessas ferramentas por um período igual ou inferior a esse tempo com relação à participação semanal de atividades presenciais em grupo. O resultado foi que os pacientes que faziam uso de dispositivos eletrônicos superior a 4 horas por dia tiveram uma mediana de 4 participações semanais, entretanto, os pacientes cujo uso diário de tecnologia foi igual ou inferior a 4 horas tiveram uma mediana de 1 participação semanal. Portanto, por meio do teste de Mann-Whitney, o cálculo do valor de p foi igual a 0,01, o que significa que essa diferença é estatisticamente relevante (Tabela 1).

Apesar de muitos pensarem que a revolução tecnológica pode incidir numa diminuição dos laços entre indivíduos, pesquisas apontam o contrário. Esses novos recursos diversificaram os métodos de comunicação entre as crianças, aumentando a capacidade de interação interpessoal das novas gerações (Ramos & Knaul, 2020). Além disso, no centro da temática das inovações tecnológicas estão as redes sociais, que carregam um papel de interligar indivíduos que à princípio estavam distantes, ou até mesmo isoladas, por meio de interesses em comum (Tomaél, Alcará, & Chiara, 2005), logo, agora essas pessoas podem se encontrar e realizar atividades em conjunto presencialmente.

Tabela 2 - Descrição do tempo de sono, horário do início do sono e horário em que acorda de adolescentes atendidos no CAPS-I de um município no oeste Paranaense.

Característica	Adolescentes que usam mídias sociais antes de dormir	Adolescentes que não usam mídias sociais antes de dormir	Valor de p1
Mediana do Tempo de sono (Intervalo Interquartil)	11h (2h30)	10h (22,5min)	1
Mediana do Horário de início do sono (Intervalo Interquartil)	22h15 (2h15)	21h30 (1h)	0,10
Mediana do Horário em que acorda (Intervalo Interquartil)	9h (2h)	7h30 (1h30)	0,25
1 Teste de Mann-Whitney			

Fonte: Autores (2022).

Por meio do teste de Mann-Whitney, foi feita a comparação da mediana do tempo de sono, da mediana do horário de início de sono e da mediana do horário em que os pacientes acordavam, separando esses indivíduos entre os que usavam as redes sociais antes de dormir, e os que não usavam nesse momento. A população que fazia uso das redes antes de dormir teve uma mediana de 11 horas de sono, já os a que não usavam tiveram uma mediana de 10 horas de sono. Essa diferença não foi estatisticamente relevante pois as análises inferenciais demonstraram um cálculo do valor de p superior a 0,05, nesse caso foi igual a 1 (Tabela 2).

A mediana do horário de início do sono das crianças e adolescentes que usavam redes sociais antes de dormir foi às 22 horas e 15 minutos, e das que não usavam foi de 21 horas e 30 minutos. Contudo essa diferença não foi estatisticamente relevante pois o valor de p foi 0,1. Já os participantes da pesquisa que faziam uso das mídias sociais antes de dormir tiveram a mediana do

acordar às 9 horas da manhã, e os que não faziam uso nesse período tiveram a mediana do horário que acordavam às 7 horas e 30 minutos da manhã. Novamente essa diferença não foi estatisticamente relevante pois o valor de p foi igual a 0,25 (Tabela 2).

Tabela 3 - Descrição do diagnóstico de ansiedade e depressão por tempo de uso de tecnologias em adolescentes atendidos no CAPS-I de um município no oeste Paranaense.

Característica	Pacientes que fazem uso de tecnologias por >4 horas (n=6)	Pacientes que fazem uso de tecnologias por ≤4 horas (n=14)	Valor de p
Diagnóstico de Ansiedade (%)	5 (83,3%)	8 (57,1%)	0,35 1
Diagnóstico de Depressão (%)	2 (33,3%)	8 (57,1%)	0,63 1

1 Teste de Fisher

Fonte: Autores (2022).

Afim de compreender a relação entre os principais transtornos psiquiátricos e o uso de dispositivos eletrônicos, foi feita uma comparação pelos testes de Fisher entre os pacientes que faziam uso diário de tecnologias por um período menor ou igual a 4 horas com os que usavam tais equipamentos diariamente por mais de 4 horas com relação a pacientes com os diagnósticos psiquiátricos mais prevalentes na pesquisa, sendo eles os transtornos de ansiedade e depressivos (Tabela 3).

Os transtornos de ansiedade estão entre os mais prevalentes na infância e na adolescência (Mari & Kieling, 2013; Tiesser, 2018), além de que talvez tenham a mais íntima ligação com o uso excessivo de tecnologia porque estes são muitas vezes utilizados como forma de controlar os seus picos (Vilaça, 2019). Uma pesquisa realizada por Oliveira, Aguiar e Canova (2020) demonstrou uma correlação relevante entre a dependência e o transtorno, oferecendo maior relevância ao assunto no cenário nacional. Já em Portugal, um estudo da Universidade Católica Portuguesa, com sede em Braga, concluiu que a ansiedade social é um fator preditor positivo para a preferência da relação online sobre a presencial (Vilaça, 2019).

No que concerne aos Transtornos depressivos, a relação parece menos clara e a epidemiologia mais escassa, entretanto, pode-se encontrar pesquisas relevantes sobre o assunto. Exemplo disso é estudo realizado por Moromizato et al (2017) que verificou que a pontuação no IAT (Internet Addiction Test) era diretamente proporcional à quantidade de sintomas depressivos entre 150 estudantes de uma escola estadual localizada no norte do estado.

A presente pesquisa identificou que 83% dos indivíduos que faziam uso diário de tecnologia por um tempo maior que 4 horas tinham diagnóstico de transtorno de ansiedade, e 57% dos indivíduos que usavam tecnologia por um tempo menor ou igual a 4 horas diariamente tinham esse laudo. A diferença das porcentagens, entretanto, demonstrou um valor de p igual a 0,35, logo o resultado não foi estatisticamente relevante. Quanto aos transtornos depressivos, 33% da população que afirmou fazer uso de tecnologia mais de 4 horas por dia tinha tal diagnóstico, e 57% das pessoas que faziam uso desses dispositivos por um tempo menor ou igual a 4 horas apresentava a patologia, entretanto, novamente o resultado não foi considerado estatisticamente relevante pois o valor de p foi igual a 0,63 (Tabela 3).

Tabela 4 - Descrição do sexo, idade, tempo de tratamento, uso de celular, televisão e de computador por tempo de uso de tecnologias em adolescentes atendidos no CAPS-I de um município no oeste Paranaense.

Característica	Adolescentes que fazem uso de tecnologias por >4 horas (n=6)	Adolescentes que fazem uso de tecnologias por ≤4 horas (n=14)	Valor de p
Sexo Feminino (%)	4 (66,7%)	9 (64,3%)	1 1
Sexo Masculino (%)	2 (33,3%)	5 (35,7%)	1 1
Mediana da Idade (Intervalo Interquartil)	13 (1,5)	14 (2,75)	0,67 2
Mediana do Tempo do tratamento psiquiátrico em anos (Intervalo Interquartil)	0,75 (1,3125)	0,75 (4)	0,93 2
Uso de Celular (%)	6 (100%)	11 (78,6%)	0,52 1
Uso de Televisão (%)	4 (66,7%)	8 (57,1%)	1 1
Uso de Computador (%)	2 (33,3%)	4 (28,6%)	1 1

1 Teste de Fisher
 2 Teste de Mann-Whitney

Fonte: Autores (2022).

As análises inferenciais com o cálculo do valor de p de outros dados epidemiológicos como sexo, idade, tempo de tratamento psiquiátrico no CAPS-I e os tipos dispositivos eletrônicos mais usados pela população pesquisada, quando relacionadas ao tempo de uso diário de tecnologias também não demonstraram relevância estatística. Esses indivíduos foram separados em grupos de uso mais intenso de tecnologia, cujo uso diário de mídias digitais era maior que 4 horas por dia, de uso moderado, cujo uso era igual ou menor que 4 horas. A prevalência do sexo feminino no grupo de uso mais intenso foi de 66,7%, e no de uso moderado foi de 64,3%, pelo teste de Fisher o valor de p foi de 1. O sexo masculino esteve presente em 33,3% do grupo de uso intenso, e em 35,7% do grupo de menor uso, logo, pelo teste de Fisher o valor de p foi igual a 1. A mediana da idade no grupo de uso mais intenso de dispositivos eletrônicos foi de 13 anos, e no grupo de uso moderado foi de, pelo teste de Mann-Whitney o valor de p foi de 0,67. A mediana do tempo de tratamento no CAPS-I no grupo de uso mais intenso foi de 0,75 anos, havendo o mesmo resultado no grupo moderado, assim, pelo teste de Mann-Whitney o valor de p foi de 0,93 (Tabela 4).

Quanto às formas mais prevalentes de consumo das tecnologias, o celular esteve presente na rotina de 100% dos pacientes do grupo de uso mais intenso de dispositivos eletrônicos, e em 78,6% dos pacientes do grupo moderado, logo, o valor de p foi de 0,52 pelo teste de Fisher. A televisão esteve presente no cotidiano de 66,7% dos indivíduos do grupo mais intenso e em 57,1% dos do grupo moderado. Por último, o computador é um dispositivo de costume na vida de 33,3% dos integrantes do grupo de uso mais intenso, e de 28,6% dos de uso moderado. Nas análises de ambos os dois últimos dispositivos, o cálculo do valor de p foi de 1 (Tabela 4).

4. Conclusão

Portanto, a presente pesquisa adquiriu dados epidemiológicos sobre pacientes de rotina do CAPS-I da cidade de Cascavel. Quando comparados grupos de uso mais intenso de tecnologia e de uso mais moderado, os transtornos psiquiátricos mais presentes na população abordada não apresentaram diferença significativa de prevalência. Ainda sobre esses dois grupos de pacientes, outros dados epidemiológicos também não demonstraram relevância estatística, sendo ele o sexo, a idade, o tempo de tratamento no CAPS-I e os dispositivos eletrônicos mais utilizados. Quanto ao uso de tecnologias antes de dormir, este estudo não demonstrou uma relação na alteração nas estatísticas do sono.

Foi demonstrado neste artigo, com relevância estatística, que os indivíduos de maior uso diário de tecnologia obtiveram maiores índices de participações semanais em atividades em grupo do que os que menos utilizavam dessas ferramentas. Logo, é

possível afirmar que os dispositivos eletrônicos podem ser usados como forma de incentivar relações interpessoais presenciais, aumentando a frequência dessas interações.

Diante disso, é de suma importância que futuras pesquisas busquem compreender se há alguma interferência na qualidade das interações presenciais provocadas pelas novas tecnologias de entretenimento, visto que a presença dessas mídias no cotidiano humano é algo extremamente novo e suas consequências para o desenvolvimento individual ainda são pouco conhecidas.

Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5* (5 ed.). (Techbooks, Ed., & M. I. Nascimento, Trad.) Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: Artmed.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade líquida*. São Paulo: Zahar.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos* (Vol. 1). São Paulo: Zahar.
- Berner, J. E., & Santander, J. (Setembro de 2012). Abuso y dependencia de internet: la epidemia y su controversia. *Revista chilena de neuro-psiquiatria*, 50(3), 181-190. doi:dx.doi.org/10.4067/S0717-92272012000300008
- Koche, J. C. (2011). *Fundamentos de metodologia científica*. Petrópolis: Vozes.
- Lauricella, A. R., Cingel, D. P., Beaudoin-Ryan, L., Robb, M. B., Saphir, M., & Wartella, E. A. (2016). *The Common Sense census: Plugged-in parents of tweens and teens*. São Francisco: Common Sense Media.
- Mari, J. d., & Kieling, C. (2013). *Psiquiatria na prática clínica*. São Paulo: Editora Manole.
- Méa, C. P., Biffe, E. M., & Ferreira, V. R. (2016). Padrão de uso de internet por adolescentes e sua relação com sintomas depressivos e de ansiedade. *Psicologia Revista*, 25(2), 243-264. Fonte: <https://revistas.pucsp.br/psicorevista/article/view/28988>
- Moromizato, M. S., Ferreira, D. B., Souza, L. S., Leite, R. F., Macedo, F. N., & Pimentel, D. (2017). O Uso de Internet e Redes Sociais e a Relação com Índices de Ansiedade e Depressão em Estudantes de Medicina. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 41(4), 497-504. doi:[doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118](http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n4RB20160118)
- Oliveira, L. B., Costa, E. G., Baptista, E. A., & Rocha, J. T. (2015). Os Efeitos da Tecnologia Móvel sobre a Qualidade de Vida no Trabalho. *Revista Gestão e Tecnologia*, 161-185.
- Oliveira, T. R., Aguiar, A. H., & Canova, F. B. (2020). Ansiedade e Depressão em Adolescentes do Ensino Médio Relacionado à Dependência Tecnológica. *Revista Científica UMC*, 1-3. Fonte: <http://seer.umc.br/index.php/revistaumc/article/viewFile/1470/922>
- Ramos, D. K., & Knaul, A. P. (2020). O uso das tecnologias digitais na infância pode influenciar nos modos de interação social? Evidências de uma revisão sistemática de literatura. *Interfaces da Educação*, 11(32), 159-187. doi:[doi.org/10.26514/inter.v11i32.3818](http://dx.doi.org/10.26514/inter.v11i32.3818)
- Schmitt, M. (2020). *O que leva a se viciar na internet? Relações entre solidão, depressão, ansiedade, estresse, adição à internet e uso de mídias sociais online*. Dissertação de Mestrado, UNISINOS. Fonte: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9421>
- Schwab, K. (2018). *A Quarta Revolução Industrial*. São Paulo: Edipro.
- Silva, D. A., Oliveira, N. R., & Graça, M. S. (2018). A Relação Entre Transtornos Mentais e o Uso de Substâncias Psicoativas. *Revista Ciência (In) Cena*, 38-50.
- Sociedade Brasileira de Pediatria. (2019). *Uso saudável de telas, tecnologias e mídias nas creches, berçários e escolas*. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria.
- Stahl, S. M. (2019). *Stahl's Essential Psychopharmacology: Neuroscientific Basis and Practical Applications*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tiesser, L. (2018). *Transtornos psicopatológicos na infância e na adolescência*. Novo Hamburgo: Editora Sinopsys.
- Tomaél, M. I., Alcará, A. R., & Chiara, I. G. (2005). Das redes sociais à inovação. *Ciência da Informação*, 34(2), 93-104. doi:[doi.org/10.1590/S0100-19652005000200010](http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19652005000200010)
- Vilaça, M. C. (2019). *Ansiedade e evitamento social e uso problemático generalizado da internet*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa. Fonte: <https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/27414>
- Yang, C.-K., Choe, B.-M., Baity, M., Lee, J.-H., & Cho, J.-S. (2005). SCL-90-R and 16PF Profiles of Senior High School Students with Excessive Internet Use. *The Canadian Journal of Psychiatry*, 50(7), 407-414. doi:[doi.org/10.1177/070674370505000704](http://dx.doi.org/10.1177/070674370505000704)
- Young, K. S., & Abreu, C. N. (2018). *Dependência de Internet em Crianças e Adolescentes: Fatores de Risco, Avaliação e Tratamento*. Porto Alegre: Artmed.